

GÊNERO E DOR

Diamela Eltit
Tradução de
Camila Carvalho*

RESUMO: Tradução de *Género y dolor*. Neste ensaio a escritora chilena Diamela Eltit elabora uma reflexão acerca do ensaio e pesquisa acadêmicos. O texto foi publicado pela primeira vez em 2013 na revista *Taller de Letras* 53 e, posteriormente, integrado à sua coletânea de ensaios *Rélicas* publicada em 2016.

É importante estabelecer uma pergunta acerca das condições impostas aos ensaios acadêmicos para serem considerados de excelência, porque estabelecem uma normatividade demasiado restrita, interceptando o fluxo criativo que qualquer ensaio deveria portar. Não se trata, evidentemente, de improvisar ou evitar leituras e referências indispensáveis que possibilitam, justamente, o sedimento conceitual que todo ensaio contém. Minha pergunta se refere, antes, ao desejo institucional de controlar essa trama (o ensaio) e impor-lhe as pautas rígidas que reprimem, ou melhor, oprimem sua narratividade como um processo que aceita e requer uma pluralidade de estratégias para se desdobrar teórica e esteticamente.

De maneira progressiva se estabeleceu um perigoso consenso em torno dos protocolos da escritura considerada acadêmica. Protocolos que, em última instância, privilegiam um *desejo de academia* que controla a escritura mesma, quando, na realidade, as escrituras deveriam construir a academia a partir da multiplicidade de técnicas, objetos e problemas que povoam o campo intelectual.

Minha pergunta se refere, então, aos limites da escritura e seu transcurso. A progressiva massificação dos estudos de pós-graduação lhe impôs um forte componente didático ao exigir um mesmo modelo às produções que dão conta dos fatos culturais. É realmente curioso que a expansão formativa implique uma contradição discursiva cada vez mais estrita, semelhante às práticas que pretendiam estabelecer uma letra seriada mediante os rígidos cadernos de caligrafia. Adotar essa imagem nos permite pensar nas pautas de publicação de ensaios acadêmicos como os novos suportes caligráficos que buscam a homogeneidade não apenas de uma pauta. O que realmente está em jogo é a construção do mesmo que abre o horizonte para a petrificação do sentido.

É interessante pensar que toda reflexão analítica comporta uma determinada ficção, não no sentido restrito do delírio e sua ruptura metafórica com o universo do real, mas antes, pensar que a operação de leitura requer um umbral que não pode, senão, provir do resultado da imaginação que une ou desune textos para gerar uma superfície que, em última instância, prolonga leituras a partir de um conjunto agudo de operações leitoras.

O ensaio acadêmico pertence à prática intensa de cruzamento de leituras. Pertence à audácia de escrever uma leitura mais. O ensaio contém uma diversidade de signos que ingressam nessa direção de maneira complexa e abrem uma disjunção em relação ao próprio e ao alheio. Uma zona trêmula e instável, um espaço abismal que mostra e demonstra que no limite do próprio jaz a extensão do alheio, que já não é nem próprio nem alheio, mas que se une

* Doutoranda em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Teoria da Literatura pela mesma instituição, com dissertação intitulada “O anjo da história tem corpo de mulher: estética e política em Jamais o fogo nunca, de Diamela Eltit”. Graduada em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG. Graduada em Design Gráfico pela Universidade FUMEC. Foi bolsista do programa Ciências sem Fronteiras (Stockholm University), em 2012. É bolsista FAPEMIG.

E-mail: ccamilacarvalho45@gmail.com

a uma rede de sentidos que aspiram a conformar-se ou confirmar-se como uma citação no sentido mais pleno e ambíguo que a palavra citação convoca.

Não posso deixar de me perguntar quais instâncias ou quais modelos geraram um consenso tão extraordinariamente homogêneo nas pautas (caligráficas) requeridas para os ensaios acadêmicos, e como se naturalizaram até tornar semelhantes e mesmo indistinguíveis, por sua uniformidade, as revistas que deveriam conter as análises mais vibrantes para pensar as subjetividades atuais e seus deslocamentos.

Nesse sentido é possível conceber um gesto robótico para configurar um mercado de escrituras que, justamente, se sustentem nas marcas mais nítidas para garantir um consumo massivo sem sobressaltos. Acrítico.

A tarefa leitora para o “campo” literário (tal como o assinala Bourdieu) implica torcer e retorcer a linearidade da leitura, implica o risco de estabelecer analogias sustentadas a partir de uma poética e a partir de uma política com a letra. Como uma prática discursiva apaixonada e apaixonante, as fronteiras impostas pelo consenso lesionam o “campo” do ensaio especialmente no território necessário e incerto das pesquisas que Fondecyt¹ leva adiante (sobretudo quando se considera que esta valiosa instituição pretende ser transferida como patrimônio ao Ministério da Economia).

Advogar pela ampliação das regras é uma tarefa necessária não somente fora da academia (que é um espaço previsível), mas especialmente a partir de dentro para impedir a serialidade que imprimem as normatizações e promover, assim, o desdobramento das subjetividades analíticas. Não se trata, evidentemente, de impedir essas normatizações, mas antes, de abrir brechas e fugas em seu interior que não causem dano aos seus promotores, mas que se incorporem como linhas talvez minoritárias que garantem a pluralidade.

Gostaria de explicitar aqui uma rota de pensamento. Trazer à luz como consegui organizar um campo investigativo que não condena a incerteza e, até mesmo, a sua excentricidade em relação às pesquisas formais. Há muitas décadas me interessam os percursos da produção de mulheres. O feminino como decisão cultural, como campo submisso e insubmisso e, ao mesmo tempo, como destino, mas também como desafio, esteve presente e *ativo* no meu próprio caminho cultural. Parte importante de minhas pesquisas Fondecyt se articularam a partir dessa matriz, e os resultados me indicam que os dilemas seguem o inexorável curso da assimetria que obstaculiza o percurso democrático e produz “dor” na base social marcada pelas irregularidades nas designações de gênero. A poeta, crítica e pesquisadora Eugenia Brito y a doutoranda Rocío Alorda fazem parte desta aventura e sem sua inteligente companhia esta reflexão não seria possível.

Como pensar os dilemas de gênero para certos corpos chilenos que habitaram ardentemente a primeira metade do século XX: essa primeira metade transpassada pelos sentidos impressos desde a Colônia e seu devir ambíguo, e interceptado, por sua vez, pela industrialização que ia considerar de maneira crescente a mulher como força trabalhadora? A questão do gênero feminino, para além de se estabelecer como uma constante subordinação ao longo da história do mundo, tem particularidades territoriais, posto que cada lugar, independentemente de pertencer à cultura ocidental ou não ocidental, configura sua própria rede

¹ *Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico*. O Fondecyt é a maior agência de fomento à pesquisa no Chile. Cf. <https://www.conicyt.cl/fondecyt/sobre-fondecyt/que-es-fondecyt/>. Acesso em: 27 set. 2020.

de sentidos de acordo com uma série de variáveis múltiplas que imprimem aos corpos as ordenações e as mobilidades culturais.

Pode-se falar de um “universalismo” na medida em que a condição do gênero feminino navega entre os limites de diversas subordinações. No entanto, essa diversidade expressa, por uma parte, a constância universal da subordinação, mas, por outra, uma mobilidade que permite vislumbrar uma ruptura e, de alguma forma, uma quebra.

As discussões teóricas em torno do gênero não cessaram. O século XX foi pródigo em discursos para pensar e promover politicamente a chamada “questão de gênero”. A condição da mulher foi analisada, pensada e repensada de todos os ângulos críticos. O chamado primeiro feminismo, que advogou pelos direitos civis das mulheres e que, nesse sentido, conseguiu abrir diálogos (as vezes difíceis) com os setores progressistas, se multiplicou em diversas posições não só políticas, mas especialmente teóricas.

Essa expansão do pensamento e da ação “feminista” gerou uma resposta multifocal que buscou caricaturar os saberes e as experiências de gênero para assim promover o rechaço do termo “feminista”, especialmente entre as mulheres que temiam ser discriminadas pela categoria que, paradoxalmente, apelava para a não discriminação nos sentidos mais históricos do termo.

Os anos oitenta do século XX, no Chile, foram anos “feministas”, já que elas participaram ativamente nas frentes anti-ditatoriais. De certo modo, esses feminismos foram compreendidos como iniciáticos no país, justamente pelo silêncio imposto à “história da mulher” do ponto de vista acadêmico – bem como sua difusão nos programas escolares – apagando, assim, a opressão e a luta histórica por seus direitos civis. Contudo, mais adiante se produziu – durante a transição para a democracia (nos anos noventa) – a quebra de sua expansão por meio da fragmentação das líderes que se integraram aos processos políticos ou foram segregadas a representações minoritárias e esporádicas.

Não obstante, os estudos acadêmicos e as produções críticas locais não cessaram de manter um olhar atento às produções históricas e culturais das mulheres, bem como sobre a atualidade dos debates de gênero e seus constantes movimentos teóricos.

A proposta de indagar as relações múltiplas contidas entre gênero e dor, tanto em sua literalidade quanto no universo simbólico, a partir da correspondência entre os anos 1935 e 1940 da líder feminista Elena Caffarena (que foi fundadora do *Movimiento pro Emancipación de la Mujer Chilena*, Memch) e também da correspondência entre Gabriela Mistral e Doris Dana (reunida no livro *Niña Errante*, editado pela Lumen no ano de 2009) permite vislumbrar o imaginário social elaborado na primeira metade do século XX em torno do corpo e da construção do feminino.

O ponto de partida deste trabalho se estabeleceu a partir de duas observações que poderiam ser consideradas banais. Enquanto examinava a extensa produção do arquivo de Elena Caffarena (a quem tive a honra de conhecer e entrevistar nos anos oitenta e noventa) me interessou um aparente detalhe: uma fissura em um de seus textos mais importantes, uma alegação jurídico-testemunhal, no qual ela exigiu que as autoridades restabelecessem o direito ao sufrágio universal que lhe haviam retirado (porque sobre ela se deixou cair a *Ley de Defensa Permanente de la Democracia*, mediante a qual o governo de Gabriel Gonzáles Videla

suspendeu os direitos constitucionais da população comunista e, inclusive, estabeleceu numerosos confinamentos na localidade de Pisagua, situada no norte do país).

Elena Caffarena foi uma reconhecida lutadora pelo voto universal da mulher chilena junto a outras proeminentes líderes da época, como Amanda Labarca, e não deixava de ser paradoxal que, em janeiro de 1949, dias depois da aprovação do voto universal às mulheres (a cujas múltiplas comemorações não fora convidada pelas autoridades), lhe retirassem o direito ao voto pelo qual tanto lutou. Entretanto, ela, advogada de profissão, defendeu pessoalmente sua situação numa histórica carta dirigida ao *Conservador de Bienes Raíces* da época para apelar diante do Tribunal Eleitoral [*Tribunal de Elecciones*]. Transformou a carta em uma vibrante alegação política ampla, inteligente e muito bem documentada. Basicamente assinalava que não pertencia ao Partido Comunista (Elena Caffarena era de filiação anarquista) e mostrou sua formação cultural ao dar conta dos cenários político-sociais e de gênero de sua época.

Contudo, em uma parte de seu discurso expressou: “Se os anos não se passassem e eu não tivesse a minha saúde tão seriamente comprometida, já teria tomado uma decisão”. Quando escreveu essas palavras, tinha quarenta e seis anos. Assombrou-me que, nesse documento, Elena Caffarena se referisse assim ao estado de seu corpo, especialmente pelo fato de eu mesma ter sido testemunha de seu excelente estado físico e intelectual, tanto no curso desses anos finais da ditadura chilena como, mais adiante, nos anos noventa, quando ela estava igualmente atenta e crítica em relação aos pormenores da transição. Mas também me interessou esta inclusão, de índole mais pessoal e biológica, numa dirigente pública formada pela ausência de menções emocionais. Há que se registrar que Elena Caffarena viveu até os cem anos. Um século inteiro de vida e experiência.

Em outro sentido, e a partir de outra estrutura cultural e emotiva, a poeta e ensaísta Gabriela Mistral – a escritora chilena mais consagrada pelo cânone literário – se caracterizou pelas frequentes menções que fazia, desde muito cedo, à sua saúde e à sua velhice. Sua correspondência é eloquente e sistemática ao se referir aos diversos males que a acometiam e ao modo como lhe pesava o transcurso do tempo. De fato, ela não foi receber o primeiro prêmio que conseguiu com seu poema “*Sonetos de la Muerte*”, em 1914, nos *Juegos Florales*, evento para o qual estava convidado o presidente da república da época, Ramón Barros Luco. No evento, ela foi representada por seu jovem amigo e admirador literário Isaura Santelices, com quem manteve uma prolongada correspondência. Em uma carta enviada a seu jovem interlocutor, Gabriela Mistral diz-lhe que não compareceu a essa cerimônia porque se considerava uma “velha”, não obstante estivesse presente de maneira anônima na galeria do teatro que celebrava a festa universitária. Nesse momento, a poeta tinha vinte e cinco anos. É preciso registrar que parte importante da correspondência foi reunida por seus estudiosos e publicada ao longo do século XX.

Como leitora de suas cartas, eu estava plenamente familiarizada com esta maneira de Mistral se auto representar. Mas, quando foi publicada a correspondência reunida no volume *Niña Errante*, suas missivas alcançaram uma maior repercussão na esfera pública, porque ali era completamente legível o lesbianismo de Gabriela Mistral. Um lesbianismo mantido em segredo pelas distintas oficialidades culturais e políticas que consideravam prejudicial ou desonrosa essa condição.

Eu, de minha parte, considerei apaixonante a reviravolta dada pelo Estado chileno, que havia exaltado em Gabriela Mistral seu lado materno por meio da profusa tarefa pedagógica de memorizar aqueles poemas nos quais ela manifestava a preocupação pela infância, bem como a recorrência com que citava seu amor platônico por um jovem suicida, Romelio Ureta, fato que lhe havia impedido retomar sua vida amorosa. Ambos aspectos, o amor platônico e uma maternidade transposta no amor às crianças chilenas em seu ofício poético e em seu labor como professora em escolas e em liceus estatais, foram aspectos primordialmente exaltados pelos textos escolares aprovados e difundidos massivamente pelo Ministério da Educação.

Entretanto, essa pertença particular a uma maternidade adiada e ao “amor impossível” (biografia que ela mesma estimulou) deu nos inícios do século XXI, como diria Henry James, “uma volta de parafuso”, pois foi o Estado que adquiriu parte do arquivo de Mistral, que estava sob a tutoria da sobrinha de Doris Dana, Doris Arkinson, e permitiu que essa correspondência, uma vez gerenciado seu pleno ordenamento, fosse publicada.

No curso do século XXI, Gabriela Mistral reapareceu já não como a vítima sofredora de um amor impossível cortado pela morte, mas como uma mulher de sessenta anos que empreendia um epistolário apaixonado em que dava conta de sua relação com uma jovem e culta lésbica norte-americana, a quem legou seus bens e nomeou testamenteira de sua obra: Doris Diana. Os tempos estatais e seus novos dilemas em torno do corpo e da sexualidade possibilitaram que, depois de mais de meio século, se aceitasse sua dissidência.

Nessa época recebi numerosos comentários orais sobre essa publicação, celebrando a importância de se romper esse mito débil e idealizado em torno de Gabriela Mistral. Mas os comentários eram recorrentes em torno da surpresa ou o esgotamento que significava ler as numerosas queixas sobre a saúde e o pormenorizado relato de sintomas que acometiam a poeta. Essas queixas diminuam, segundo as opiniões, a eficácia do livro, pois pareciam excessivas.

Como conhecedora da correspondência de Gabriela Mistral não me parecia estranho este aspecto do livro, a não ser o fato de que na publicação de suas últimas cartas a enfermidade que afetava sua lucidez já era evidente e lamentei que não houvesse, por parte dos responsáveis pela edição, essa advertência que fazia com que as cartas de sua última época fossem erráticas.

Parecia necessário situar a epístola como um gênero submetido a protocolos muito específicos. Ou, dito de outra maneira, trazer à luz o modelo da retórica oficial que estrutura a carta. Refiro-me a suas estritas condições: a data, os cumprimentos, as despedidas. Na medida em que o modelo que estrutura a carta se manifeste, sua espontaneidade fica em suspensão pelas condições de produção da epístola e a cortesia epocal que a caracteriza.

Parece-me necessário enfatizar também que uma das formas primordiais da cortesia epistolar radicava na pergunta pela saúde, que efetivamente marcava o modo de iniciar o diálogo social. O corpo, então, ocupava um espaço, digamos, “orgânico”. Essa pergunta orgânica era estratégica como veículo de intercâmbio verbal. Dessa perspectiva, as cartas de Gabriela Mistral não estavam fora das normas de seu tempo, em que pese as liberdades literárias com que dramatizava seus males e ressaltava seus sintomas.

Por outra parte, tive o privilégio de acessar a correspondência de Elena Caffarena com as integrantes ao longo do Chile do Memch, graças à gentileza de sua neta, a historiadora Ximena Jiles, quem, junto à historiadora Claudia Rojas, me proporcionaram uma cópia deste inestimável arquivo que hoje radica na Biblioteca Nacional.

Em algumas dessas cartas emanadas a partir de distintos lugares geográficos do Chile, que buscavam a construção da organização de mulheres mais ambiciosa de todos os tempos, as sócias nomearam as enfermidades que limitavam seus movimentos. De maneira múltipla estava instalado nas mulheres que começavam seu percurso social mais autônomo o sintoma corporal doloroso que, nesses momentos, podia e devia ser escrito e comunicado.

Não pude deixar de pensar, desde um lugar menos literal, que era necessário “escutar” essas dores das mulheres e tentar entendê-las de uma maneira poética e crítica. Paralelamente pensei na “morte” da histórica carta caligráfica ou datilografada pela precipitação de novos sistemas comunicativos que a tornavam menos recorrente. Fica em pé, evidentemente, a carta burocrática, despersonalizada, que incrementará outros arquivos.

Pensei, desde outra perspectiva não menos caótica, que a engrenagem do século XX, o XXI e a extensão dos sistemas neoliberais haviam retirado da comunicação epistolar a pergunta protocolar pela saúde. Pensei, inclusive, que hoje a pergunta pela saúde poderia parecer incômoda e até agressiva, porque o corpo neoliberal é um corpo-trabalho sem órgãos, na medida em que não pertencem ao “consumo” orgânico, me refiro aos planos de saúde privados ou à esfera estrita dos consultórios e hospitais estatais. A saúde como tema de intercâmbio e comunicação social já é memória. Os órgãos (o pulmão, o coração, os ovários, os rins, entre outros) se retiraram da esfera convencional da comunicação e do interesse pelo outro e assim se reprimiu a dor como ingresso à circulação das falas. O corpo se deslocou em direção à sua presença mais exterior, e na memória do século XX fica o último rastro da letra como zona habitável pelos sintomas da enfermidade.

Em outro registro de pensamento, as poderosas imagens culturais de Elena Caffarena e Gabriela Mistral mostram, entre a dor que experimentam ou a saúde severamente afetada pela passagem do tempo (no caso de Elena Caffarena aos seus quarenta anos ou a velhice de Gabriela Mistral aos vinte e cinco), que seu (mal) estado não interrompeu uma rota extremamente produtiva nem derrubou suas lideranças. Então, a partir dessa literalidade e fundamentando-me no conceito de “emancipação” – como centro fundamental do Memch, que foi recolocado nos âmbitos intelectuais pelo pensador francês Jacques Rancière, como aquele lugar de ampliação no qual a ordenação é diferenciada – pensei que essa dor (e seus iniludíveis signos de morte expressos em sua enunciação) se emancipava mediante a organização social no caso de Elena Caffarena e suas associadas, que, por sua vez, replicavam a partir de diversas geografias essa dor feminina, mas seus órgãos resistiam mediante, justamente, o ingresso de uma orgânica feminista.

No caso de Gabriela Mistral é especialmente provocativo que essa dor que circunda e de certo modo cerca a epístola, desaparece quando ela escreve a Doris Dana desde outro gênero. Quando parodia a letra masculina, realiza uma performance de gênero que suspende a matéria mais tangível e classificatória do órgão. Nesse jogo de deslocamentos, onde a identidade se mobiliza, flui até sua inversão, é quando o discurso epistolar mistraliano se torna onipotente, ameaçador, possessivo. Nesses momentos discursivos poderosos e, digamos, saudáveis, é quando o sentido muda, porque a poeta estabelece uma apropriação de uma geografia cultural marcada e transitada na textura amorosa do sujeito masculino. Nesta operação lúdica e erótica, mostra em que medida o gênero dispõe e predispõe a umas categorias convencionais.

Em seu jogo radical, Gabriela Mistral entra e sai da dor mediante, precisamente, o jogo incessante da possibilidade de deslocar-se gramaticalmente pelo labirinto dos gêneros, porque a letra e sua possibilidade de sentido lhe permitem habitar a dor que a marca e evitar essa mesma dor por meio da dominação virtual de um masculino que subjuga a outra (a representação de Doris Dana na letra), mas, especialmente, domina seu próprio feminino, liberando-o de si e desatando-o de seus (debilitados) órgãos.

Mal li o filósofo italiano Giorgio Agamben, tomando parcialmente um conceito seu relativo à definição de contemporaneidade. Tive a certeza de que eu mesma devia me fazer contemporânea de Gabriela Mistral, das sócias do Memch e de Elena Caffarena, não no sentido de retroceder no tempo, mas antes, no de trabalhar em um vértice onde é possível ingressar a um tempo suspenso, a esse lugar opaco de confluência de vários tempos que marcam um espaço não consumido nem menos consumado pelos consensos, considerando, ademais, que Gabriela Mistral, Elena Caffarena e as sócias do Memch reuniam também uma soma de diversos contemporâneos que implementaram sua vigência.

O ingresso em um tempo suspenso, a urgência de ser contemporânea naquela aresta do tempo que não se esgota na data, me permitiu pensar na teórica Judith Butler com a mesma intensidade com a que pensava em uma certa história das enfermidades chilenas na época pós-colonial. Pude acercar-me à varíola e à resistência da população chilena à vacinação estatal, da mesma maneira em que o poder médico instalava sua trama orgânica sobre o aparelho reprodutor da mulher na longa guerra de despejo da figura histórica da parteira, para instalar em seu lugar a matriarca sob a estrita formação e supervisão médica. Esse mesmo tempo suspenso no qual a pensadora chilena Julieta Kirkwood abriu um traço, sempre em curso, para pensar o que está irresoluto entre as organizações e a mulher.

Podia-se ler Gabriela Mistral sob o prisma dos estudos *queer* dominantes na atualidade. Ingressar a esse setor da prática mistraliana a partir das posturas teóricas da constante performance sinalada por Judith Butler, ou se podia lê-la em relação aos códigos lésbicos de seu tempo, ou a partir do jogo da letra, que é o território produtivo da escritora latino-americana mais conhecida da época. Entre a ficção, os usos privados de seu tempo ou o divagar entre os gêneros como alternativa de rebelião contra os binarismos, cada uma das possibilidades ou, mais ainda, sua soma, seguem me parecendo fundamentais para conseguir um trabalho múltiplo em torno da dor e da emancipação.

Data de submissão: 28/09/2020.

Data de aceite: 18/11/2020.